

# O PODER DISCURSIVO DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO SERTÃO NORDESTINO

Anita de Jesus Santana  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS  
Orientador: Prof. Dr. Adeítalo Manoel Pinho  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

**Resumo:** Este trabalho objetiva realizar uma análise sobre como ao longo do tempo foi construída a ideia de sertão nordestino, de forma estereotipada, pelos próprios moradores e pelos habitantes de outras regiões e como essa imagem ainda é predominante em nossos dias. A apresentação e a discussão do tema tornam-se importantes, na medida em que aponta estudos realizados numa perspectiva cultural, multicultural e multiperspectiva, proposta esta, apresentada pelo teórico Douglas Kellner, que compreende a realização dessa abordagem como um modo de analisar os diversos textos culturais, a fim de interpretar, criticar e desconstruir as produções culturais veiculadas pela mídia. As reflexões realizadas pelo teórico em diálogo com Michael Foucault, Durval Muniz de Albuquerque, Eni Puccinelli Orlandi e Maria Aparecida Baccega contribuirão para uma análise dos discursos construídos sobre sertão, sertanejo e nordestino a partir do Filme *Guerra de Canudos* e do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

**Palavras-chave:** Sertão. Cultura. Mídia. Discurso.

## THE MEDIA'S DISCURSIVE POWER IN THE MAKING OF THE NORTHEASTERN HINTERLAND'S IMAGE

**Abstract:** This paper aims to analyze how it was built, over the time, the idea of the northeastern hinterland by its own residents and people from other regions in a stereotypical way and how that image is still prevalent today. The presentation and discussion of the topic becomes important in pointing studies performed in a cultural, and multicultural perspective, a proposal presented by the theoretical Douglas Kellner, who understands this approach as a way to analyze the various cultural texts, in order to interpret, criticize and deconstruct the cultural productions broadcasted by the media. The reflections made by the theoretical plus his dialogue with Michel Foucault, Durval Muniz de Albuquerque, Eni Puccinelli Orlandi and Maria Aparecida Baccega will contribute to an analysis of the discourses built about the hinterland, the

hinterlanders and Northeasterns from Canudos War Film and from the book *Os Sertões*, by Euclides da Cunha.

**Key-words:** Hinterland. Culture. Media. Discourse.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo construiu-se sobre o sertão nordestino uma imagem marcada por estereótipos. O clima tropical semiárido, com longos períodos de estiagem, fez com que muitos se aproveitassem das dificuldades enfrentadas pelos moradores e passassem a proferir um discurso, ideologicamente articulado, no intento de fazer com que essas pessoas acreditassem que eram totalmente dependentes do clima e, conseqüentemente, da ajuda de lideranças políticas.

Para consolidar cada vez mais esse discurso sobre o nordeste, além de uma política que ficou conhecida como a indústria da seca, recorreu-se à mídia, através dos diversos programas televisionados, aos meios de comunicação impressos e às artes de um modo geral. Tendo em vista a problemática em questão, o presente trabalho objetiva fazer uma análise do processo de formação imagético-discursivo que se formou sobre o nordeste através do filme *Guerra de Canudos* (1997), sob a direção de Sérgio Resende e da obra literária *Os Sertões* (2005), de Euclides da Cunha.

A análise será realizada a partir de uma abordagem multiperspectívica, proposta esta, formulada pelo teórico Douglas Kellner. Adotar estudos nessa perspectiva torna-se importante, pois, apesar de suas análises se embasarem em situações ocorridas na cultura dos Estados Unidos, podemos aplicá-las no contexto da cultura brasileira. Pretendemos, assim, realizar um trabalho pautado dentro de um contexto de situações reais vividas na nossa sociedade, por acreditar que é possível fazer um estudo analítico da mídia, de forma multicultural crítica e que, como aspira Kellner, servirá como um modo de política de contestação contra à hegemonia que predominou e ainda perdura em nossos dias.

O estudioso lembra que o termo foi adotado por Nietzsche e cita uma fala do filósofo na qual ele afirma que “só há uma visão em perspectiva, só saber em perspectiva; e quanto mais sentimentos deixar que falem sobre uma coisa, mais completos serão o nosso conceito dessa coisa e a nossa objetividade” (NIETZSCHE, 1969, p.119 *apud* KELLNER, 2001, p. 129). Para realização das reflexões, estabeleceremos um diálogo entre Douglas Kellner e os teóricos Durval Munis de Albuquerque, Eni P. Orlandi, Michel Foucault e Maria Aparecida Baccega, por problematizarem, dentre outras questões, a forma como os discursos são fabricados de modo que pareçam ser verdades imutáveis, contribuindo para permanência de uma imagem estática diante do tempo e das mudanças históricas, sociais e culturais.

## **1 COMPREENSÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO IMAGÉTICO-DISCURSIVO NUMA ABORDAGEM “MULTIPERPECTIVA”**

Em seu livro, *Cultura da Mídia*, o autor Douglas Kellner (2001) destaca no capítulo 3, “Por um estudo cultural, multicultural e multiperspectivo”, a importância dos estudos culturais no sentido de analisar criticamente os diversos textos culturais. Para tanto, segundo o teórico, faz-se necessário desenvolver posturas normativas positivas que impliquem em adotar valores de resistência, participação, democracia e liberdade a fim de poder subverter a ordem dominante e opressora. O teórico, no entanto, ressalta que esses valores se constituem como convenções sociais adotadas a fim de atingir objetivos específicos e, por isso, não devem ser entendidas como normas absolutas. Evita-se, desse modo, que os produtos culturais sejam interpretados de modo unilateral e parcial, reconhecendo que diversos constructos, como raça, sexo e classe podem estar interligados e que muitas vezes se fazem necessárias abordagens críticas diferenciadas.

Um estudo multiperspectivo compreende a utilização de inúmeras estratégias textuais e críticas, a fim de interpretar, criticar e desconstruir as produções culturais em análise. Kellner reforça essa ideia quando afirma que, “quanto mais perspectivas de interpretação utilizarmos numa produção cultural,

mais abrangente e robusta poderá ser nossa leitura” (KELLNER, 2001, p.130). Estas reflexões se aplicam muito bem aos estudos dos textos literários, pois assim como os produtos culturais da mídia, esses textos não se apresentam inocentes e não são produzidos com o objetivo de tão somente entreter, mas estão relacionados com “as lutas, programas e ações políticas”. E, muitas vezes, o entretenimento está acompanhado por fortes doses de ideologias cujo objetivo é a manutenção dos estereótipos que colocam a margem determinados grupos sociais.

Muitos discursos anulam outros discursos através da dominação e opressão. E essas formas discursivas têm sido exercidas por grupos hegemônicos ao procurar se apropriarem da língua. Nas palavras de Maria Aparecida Baccega, o poder dominante tem feito isso como se a língua fosse “propriedade sua” (BACCEGA, 1995, p.44). Neste sentido, fica evidente a força exercida pelos discursos construídos a partir da linguagem verbal impressa ou audiovisual. Diante dessa situação, a autora acredita que os falantes de uma língua deveriam não só fazer uso das palavras que são impostas pela sociedade, mas também aprender a produzi-las, o que significa saber criticar a realidade a qual pertence de forma a recriá-la historicamente.

As abordagens da autora nos instigam a pensar sobre o poder do discurso, assim como às problematizações levantadas por Kellner (2001), na tentativa de procurar entender como a cultura da mídia é capaz de produzir efeitos que definem o que é o bem e o mal e, assim, ditam modelos de pensar e agir. Sabemos que as pessoas que estão do outro lado da mídia se tornam assujeitadas, na medida em que, como afirma Baccega:

a vida está plena de discursos sem respostas: é a televisão, o rádio, a publicidade e a propaganda, a imprensa. Dialogando apenas com eles mesmos, esses discursos constituem mercadorias que circulam nos atos de fala. E o homem não realiza plenamente sua condição de sujeito (BACCEGA, 1995, p.41).

Baccega (1995) ressalta que a predominância dessa prática tem levado ao esquecimento de que a sociedade é dinâmica e apesar de muitas vezes caminhar de forma lenta, não é imóvel e se movimenta em direção às mudanças efetivadas através da linguagem. Para isso, torna-se necessário que

o indivíduo se aproprie dos discursos e seja responsável por seus atos para que possa manter a dialética entre indivíduo e sujeito, sendo transformado e transformando a sociedade na qual atua. É neste sentido que Orlandi (1942) concebe a linguagem como uma mediação que se faz necessária entre o homem e a realidade natural e social. A teórica afirma ainda que essa mediação é o próprio ato discursivo capaz de tornar permanente e contínuo ou proporcionar o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

Uma análise pelo viés da Literatura, assim como de outras formas textuais, deixa claro que os discursos podem contribuir significativamente para disseminação e perpetuação da ordem dominante. Em consonância com as ideias em questão, o historiador Durval Muniz (2011) se refere às obras literárias como uma “maquinaria literária” que se constitui não só como representante de uma região cujas características são fixadas como naturais, mas participante de sua invenção e instituição.

Torna-se mister salientar que textos veiculados pela mídia (literatura, cinema, música, pintura, livros) estão impregnados de intenções e de ideologias que o filósofo Foucault (2015) chamou de “vontade de poder.” São estratégias a que determinado grupo se vale para atingir seus propósitos, os quais equivalem a manutenção de uma ordem, enquanto uma parcela significativa de pessoas são colocadas a margem por sofrerem preconceitos de caráter econômico, cultural, social e regional. Essa articulação ideológica-discursiva é alcançada através de inúmeros exemplos como, programas de humor, novelas, reportagens veiculadas nos principais jornais do país, escritos e televisionados, a literatura, a pintura e diversas outras formas de expressão cultural. Durval Muniz (2011) chama a atenção para os enunciados discursivos produzidos como formas estratégicas de elevar uma região em detrimento de outra, como foi o caso da região Sul que sempre procurou demonstrar uma superioridade frente a região nordeste.

O autor pontua que muitas vezes os discursos se contradizem em relação à forma como as coisas se apresentam. Essa falta de correspondência entre o dito e a coisa, leva Muniz a afirmar que “o que emerge como

visibilidade regional não é representado, mas construído com a ajuda do dizível ou contra ele” (MUNIZ, 2011, p. 59). No bojo dessa discussão, é de grande relevância a preocupação de Kellner em adotar uma postura crítica das produções culturais. Para o autor “a teoria social e o estudo cultural críticos que ataquem a opressão e lutem por igualdade social são necessariamente multiculturais e procuram estar atentos às diferenças, à diversidade cultural e à alteridade” (KELLNER, 2001 p.126). Desse modo, um olhar crítico sobre as diversas produções culturais significa abrir espaço para uma análise cujo objetivo é identificar, apontar, criticar as formas de poder dominante, tomando uma posição de estudo progressista no sentido de reconhecer e combater as estruturas e práticas dominadoras e opressivas.

## **2 A PRODUÇÃO DE SENTIDO NO FILME *GUERRA DE CANUDOS* E NO LIVRO *OS SERTÕES***

O filme em análise, *Guerra de Canudos*, uma produção de 1997, sob a direção de Sérgio Rezende, apresenta o conflito entre os seguidores de Antônio Conselheiro e o exército republicano ocorrido entre 1896 e 1897. Desenvolve-se a partir da família Lucena, formada por cinco membros (o casal, duas filhas e um filho) que se constitui como núcleo central e a partir da qual se desencadeará toda trama. Tudo começa quando a família perde os bens para o estado por falta de pagamento dos impostos. Diante da perda dos recursos, o pai de Luiza decide acompanhar Antônio Conselheiro. Nesse momento a família se divide, pois Luiza, filha mais velha, se nega a seguir o líder espiritual, demonstrando, assim, possuir uma personalidade forte, decidida, quando sozinha, deixa para trás sua família.

Apesar de identificarmos essas características em Luíza, logo de início, pode ser observado, também, que a produção fílmica esbarra no lugar comum de reservar aos personagens femininos, o destino da prostituição, quando estes se voltam contra a ordem patriarcal ou dominante. Desse modo, as cenas ocorridas no prostíbulo tomam o lugar de episódios que poderiam ser mais explorados, de forma que pudessem mostrar aos telespectadores como viviam

os conselheiristas, quais os ideais e como se organizavam os vinte e cinco mil habitantes em Canudos, chamada por Antônio Conselheiro de Belo Monte. Ao relegar, Luiza, à prostituição, a mídia se utiliza de recursos como o prazer e o divertimento para tentar desviar a atenção e deixar de problematizar com maior profundidade questões mais complexas, em torno do conflito ocorrido em Canudos.

A trama gira em torno de Luiza, que se constitui como personagem principal, no entanto, Antônio Conselheiro e sua gente deveriam ser os protagonistas da história. O diretor prefere mostrar o episódio como uma questão individual ou como um caso isolado de uma família, mas de fato, o conflito em Canudos foi de ordem social e coletiva. O artigo “Canudos plural: imagens em movimento do sertão em guerra”, do Professor Antônio de Araújo Fernando Sá ressalta, além da questão acima, o caráter pedagógico com que o filme é utilizado, o que pode ser visto como um modelo estereotipado de narrar determinado fato histórico como verdade única.

No que diz respeito ao prazer, Kellner lembra que os estudos culturais da atualidade valorizam a ideia de atribuir importância às reações de prazer expressas pelo povo, no cinema, na televisão e outras formas de cultura popular. No entanto, o autor teme que tal expressão ocorra somente por ser popular, o que levaria a uma abordagem genérica, sem nenhuma criticidade. Esse modo de pensar pode levar ao desprezo das formas de prazer expostas pela mídia com o intuito de manter os indivíduos presos à posições conservadoras, sexistas e racistas, a exemplo do que ocorre nos programas de humor em que a figura do trabalhador, negro, nordestino são ridicularizados enquanto um contingente de pessoas se divertem sem se darem conta dos preconceitos ali embutidos ou mesmo porque sentem prazer ao se identificarem com as mensagens transmitidas.

Kellner lembra que “o prazer em si não é natural nem inocente. Ele é aprendido e, portanto, está intimamente vinculado a poder e conhecimento” (KELLNER, 2001, p.59). Desde Foucault, como lembra o autor, passou-se a admitir que o poder e o conhecimento estão intimamente imbricados e que o prazer, também, está relacionado a estas duas formas de apreensão de uma

determinada realidade. No pensamento do filósofo, o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito não está simplesmente no fato de ser uma força a tomar uma posição negativa, “mas é o que de fato ela permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”( FOUCAULT, 2015, p.45).

Essa força pode ser sentida na imagem que se formou sobre o sertão e os nordestinos, na medida em que permeia até os dias atuais, nos discursos historicamente fabricados e tantas vezes repetidos pela mídia. Esse é um problema que podemos encontrar na discussão abordada por Muniz em seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, visto que, ao comungar com as ideias de Foucault (2015), o historiador acerta que o Nordeste e os nordestinos estão imersos numa relação de poder e saber que resultou nos estereótipos tão reforçados tanto por parte do discriminador quanto do discriminado. Ao levantar tal problemática, Muniz propõe que nos preocupemos em compreender a construção da imagem que se fez do nordeste a partir da relação de saber e poder que está intrinsecamente ligado tanto por quem discrimina como por quem aceita e reforça o preconceito. Não se trata, então, de apontar quem está com a verdade ou a mentira, pois caminhar por esse viés, só seria apenas inverter a ordem discursiva e, por isso, de nada serviria para desconstruir a situação em que foi colocada a região Nordeste. A questão não está em apontar um culpado, mas em centrar esforços no sentido de deslocar o poder e rejeitar o lugar de oprimido, subjugado ou como diz Muniz, “de pedinte lamuriento ao produzirmos e reproduzirmos um saber em que sentimos prazer de dizer e mostrar que somos pobres coitados” (ALBUQUERQUE, 2011, p.31).

Foram as forças discursivas do poder dominante da época, representados pelos governantes e padres, que causaram a guerra, levando milhares de sertanejos à morte. Podemos observar todo ódio sentido pelos seguidores de conselheiro na cena em que o personagem Moreira César em conversa com o coronel Luiz da Gama diz: “Preste atenção. Nenhum desses soldados aí fora sabe o que viemos fazer aqui. Seu pai sabe, eu sei, você sabe?” Antes que o jovem coronel respondesse, de imediato, com grande eloquência responde: “Muitos vão dizer que viemos matar o Conselheiro. Eu

não vou só matar. Eu vou matar, colocar numa gaiola e desfilar na rua do Ouvidor pra que todos saibam o que é a monarquia. Eu posso matar quem eu quiser”. Nisso o comandante tem um ataque epilético e cai ao chão. O médico é chamado e diante do estado de saúde de Moreira César o recomenda que não continue no comando da expedição, pois seus nervos encontravam-se muito abalados. Mas o comandante afirma que não tem nervos, tanto que em toda sua vida nunca sentiu sensação de dor ou prazer e que ia continuar no propósito de tomar Canudos. Criou-se em torno de Conselheiro e seus seguidores a imagem de desordeiros, anarquistas e que tinham o propósito de acabar com a República para que o país voltasse a ser governado pela monarquia.

A forma deturpada como os conselheiristas foram vistos também pode ser lida em *Os sertões*. Euclides, seguindo as ideias positivistas do século XIX, faz várias abordagens negativas a respeito da terra e do sertanejo enquanto exalta o homem da região Sul, como podemos observar na seguinte passagem:

O gaúcho do sul, ao encontra-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fim, afeito as correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. [...] (CUNHA, 2005, p. 149).

Com as descrições que Euclides faz do gaúcho já deixa claro a concepção que tem do sertanejo. Foram ideias como estas que ajudaram a alimentar o estado de inferioridade, de tristeza que tem assolado ainda mais o povo da região nordeste, reafirmando o discurso da elite, reproduzido pelos diversos meios de comunicação.

O cenário apresentado no filme é outro ponto a ser destacado. A paisagem da caatinga seca é o mesmo de que tem se valido o discurso televisivo, por meio de reportagens, para colocar o nordeste sobre o estigma de lugar impróprio para morar. No discurso literário, mais uma vez, colabora Euclides, ao descrever a caatinga como paisagem que afoga: “agride e expulsa com o espinho, com os gravetos estalados em lanças” (CUNHA, 2005, p. 69),

àqueles que necessitam fazer o percurso pelas “veredas sertanejas”. É dessa forma que é construído um discurso que generaliza as imagens e os enunciados os quais se perpetuam por todo espaço nordestino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não se pode negar as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do sertão com as adversidades do clima e a falta de investimento por parte dos governantes. Porém, a imagem criada sobre o nordeste vai além dessas dificuldades. Há todo um procedimento para que o estado de negação e inferioridade permaneça, de forma que perpassa por questões políticas, culturais e históricas, datada desde a chegada dos portugueses em nossas terras. O estudo aqui realizado, a partir de uma abordagem multiperspectiva, ou seja, a partir de um olhar filosófico, histórico, social, discursivo, político e cultural, como propõe Douglas Kellner, nos deu subsídios para compreender que a imagem que se cria de uma região e de seus habitantes obedece a procedimentos complexos e impregnados de intenções, cujas finalidades tem induzido a permanência da ordem vigente. Um diálogo com os autores: Albuquerque, Orlandi, Baccega e Foucault deixa claro que os discursos tantas vezes repetidos formam os estereótipos que só individualizam e enquadram um grupo de pessoas ou de uma região como portadora de uma única identidade.

As reflexões, aqui abordadas, sob a ótica dos autores apresentados demonstram que um estudo em perspectiva possibilita a compreensão de um tema de forma política, buscando a raiz dos problemas para entender questões presentes na sociedade. Observamos, também, que as diversas linguagens veiculadas pela mídia (filmes, novelas, reportagens, canções, textos literários) podem servir, e muito tem servido para perpetuação do discurso hegemônico enquanto o discurso do dominado é relegado ao esquecimento. Os exemplos que trouxemos, como o filme *Guerra de Canudos* e o romance *Os Sertões*, nos mostram como a imagem e o texto falado e escrito são capazes de repetir e disseminar os discursos historicamente produzidos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Munis de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**. Bauru, SP; Edusc, 2007, p. 53-65.

ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Editor J.J. Rondam Salvador: Contexto e Arte, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sangue de irmãos – Canudos por dentro**. Feira de Santana: ENGRAF, 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: História e Literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Martim Claret, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

**GUERRA DE CANUDOS** (filme). Direção: Sérgio Resende, 1997. 1:70min. Color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7lo0E>>. Acesso em: 18/11/2015.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo, 5ª Ed. 2003

SÁ, Antônio Fernando Araújo. **Canudos plural: imagens em movimento do sertão em guerra**. Disponível em: <[https://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF17/A\\_Sa\\_17.pdf](https://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF17/A_Sa_17.pdf)>. Acesso em: 15/02/2016.